



# **CENTRO UNIVERSITÁRIO LUTERANO DE PALMAS**

*Recredenciado pela Portaria Ministerial nº 1.162, de 13/10/16, D.O.U nº 198, de 14/10/2016*  
ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL LUTERANA DO BRASIL

Sandra Regina Vieira da Silva Castro

## ATITUDES FACILITADORAS DA FAMÍLIA FRENTE À ORIENTAÇÃO SEXUAL DE SEUS FILHOS

Palmas - TO

2018

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C355a Castro, Sandra Regina V. da Silva.

Atitudes facilitadoras da família frente à orientação sexual de seus filhos [manuscrito] / Sandra Regina V. da Silva Castro. – 2018.

39 f.

Orientador(a): Profa. Me. Carolina Santin Cótica.

TCC (Graduação) – Curso de Psicologia, Centro Universitário Luterano de Palmas, 2018.

1. Família. 2. Orientação sexual. 3. Aceitação. 4. Preconceito. I. Cótica, Carolina Santin. II. Título.

CDU: 159.922.1:305

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Thaís Fernandes, CRB-2/1680.

Sandra Regina Vieira da Silva Castro

ATITUDES FACILITADORAS DA FAMÍLIA FRENTE À ORIENTAÇÃO SEXUAL DE  
SEUS FILHOS

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC II)  
elaborado e apresentado como requisito parcial  
para obtenção do título de bacharel em Psicologia  
pelo Centro Universitário Luterano de Palmas  
(CEULP/ULBRA).

Orientador: Prof. M.e Carolina Santin Cótica

Palmas - TO

2018

Sandra Regina Vieira da Silva Castro

ATITUDES FACILITADORAS DA FAMÍLIA FRENTE À ORIENTAÇÃO SEXUAL DE  
SEUS FILHOS

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC II)  
elaborado e apresentado como requisito parcial  
para obtenção do título de bacharel em Psicologia  
pelo Centro Universitário Luterano de Palmas  
(CEULP/ULBRA).

Orientador: Prof. M.e Carolina Santin Cótica

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.a M.e Carolina Santin Cótica

Orientadora

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

---

Prof. M.e Izabela Almeida Querido

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

---

Prof. M.e Rosângela Veloso de Freitas Morbeck

Centro Universitário Luterano de Palmas – CEULP

Palmas – TO

2018

## RESUMO

CASTRO, Sandra Regina Vieira da Silva. **ATITUDES FACILITADORAS DA FAMÍLIA FRENTE À ORIENTAÇÃO SEXUAL DE SEUS FILHOS.** 2018. 39f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Psicologia, Centro Universitário Luterano de Palmas, Palmas/TO, 2018.

O referido trabalho discutiu as atitudes facilitadoras da família em relação à aceitação quanto à orientação sexual de seus filhos, mostrando os impactos negativos da não aceitação e os positivos quando há aceitação e a possível influência na qualidade de vida familiar. O tema sexualidade tem sido discutido por séculos, cercado de tabus e críticas. Assim, escrever a respeito da sexualidade humana não é um assunto fácil, mas discorrer a respeito da homossexualidade, suas definições e complexidades, é de suma importância. O preconceito existente torna a questão da revelação um ato de sofrimento e, se falando da relação familiar, quando não se tem espaço para diálogo e uma boa comunicação entre pais e filhos, essa revelação se torna ainda mais difícil. Buscou-se relatar historicamente sobre a homossexualidade e a compreensão na contemporaneidade, sobre o desenvolvimento humano em uma perspectiva histórico-cultural. Procurou apresentar também como as atitudes facilitadoras contribuem para combater a homofobia e abrem diálogos sobre a diversidade sexual. Dessa forma, identificou-se como famílias podem redescobrir o amor incondicional frente aos seus filhos independentemente da sua orientação sexual, auxiliando no processo de aceitação com empatia e a autenticidade nas relações familiares, não negando todos os sentimentos e dúvidas que envolvem este processo, sendo eles, a negação e a culpabilização, ou seja, a procura para justificar a homossexualidade dos (as) filhos (as). É a família se desconstruindo de uma visão histórica, social e cultural, e se resignificando em prol da aceitação desta orientação sexual. Reinventam-se e se reconstróem, passando a entender que filhos apoiados e amados possuem mais chances de serem aceitos e respeitados diante de sua orientação sexual homoafetiva dentro e fora do lar.

Palavras - chave: Família. Orientação sexual. Aceitação. Preconceito.

## ABSTRACT

CASTRO, Sandra Regina Vieira da Silva. **ATTITUDES THAT FACILITATE THE FAMILY FRONT OF THE SEXUAL ORIENTATION OF THEIR CHILDREN.2018.** 39 f. Work of conclusion of course (graduation) – Psychology course, Lutheran University Center of Palmas, Palmas/TO, 2018.

This work discussed the attitudes that facilitate the family in relation to acceptance as to the sexual orientation of their children, showing so many negative impacts of non-acceptance and positive when there is acceptance and your possible influence on quality of family life. The sexuality issue has been discussed for centuries, surrounded by taboos and criticism. So, writing about human sexuality is not an easy matter, but talk about homosexuality, their definitions and complexities, is of paramount importance. The existing bias makes the issue of disclosure an act of suffering and, speaking of the family relationship, when you don't have room for dialogue and good communication between parents and children, this revelation becomes more difficult. Sought to relate historically about homosexuality and understanding in contemporary times, on human development in a historical and cultural perspective. Sought to present as well as enabling attitudes contribute to combat homophobia and open dialogues on sexual diversity. In this way, identified himself as families can rediscover the unconditional love in front of their children regardless of your sexual orientation. Assisting in the process of acceptance, with empathy and authenticity in family relationships. Not denying all feelings and doubts surrounding this process, being them, denial and the scapegoating, i.e. demand to justify homosexuality of the children. Is the family history vision, Deconstructing social and culture, and if redefines for accepted sexual orientation. If you reinvent and rebuild yourself, understand that children supported and loved ones, have a better chance of being accepted and respected in front of your same-sex sexual orientation within and outside the home.

Keywords: Family. Sexual orientation. Acceptance. Prejudice.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
APA	Associação Americana de Psiquiatria
BVS-PSI	Biblioteca Virtual em Saúde- Psicologia Brasil
CID	Classificação Internacional de Doenças
CFP	Conselho Federal de Psicologia
CFM	Conselho Federal de Medicina
CEULP	Centro Universitário Luterano de Palmas
CCJC	Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania
GGB	Grupo Gay da Bahia
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transgêneros
OMS	Organização Mundial de Saúde
PTN-RJ	Partido Trabalhista Nacional-Rio de Janeiro
PEPSIC	Portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia
SOCE	<i>Sex Orientation Change Efforts</i>
ULBRA	Universidade Luterana do Brasil

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	08
2 PERCURSO METODOLÓGICO.....	12
3 Definição e breve perspectiva histórica sobre a homossexualidade.....	14
4 Construção social e cultural acerca da orientação sexual por parte da família.....	18
5 O preconceito e o dilema da revelação para a família.....	22
6 Atitudes que facilitam o processo da aceitação do (a) filho (a) homossexual.....	25
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS.....	34



## INTRODUÇÃO

Discorrer a respeito da homossexualidade e suas variadas definições torna-se uma problemática complexa, mas se faz necessária para o atual momento no qual encontramos um crescimento exacerbado de violências voltadas aos homossexuais.

Nosso cotidiano é cercado por tabus e preconceitos, principalmente quando falamos sobre esta temática, isso corrobora para que se anule o direito e respeito quanto à sexualidade e diversidade humana.

Segundo Valente (2017), no Brasil no ano de 2017 houve um aumento significativo da intolerância aos homossexuais, contabilizando cerca de 30% de todos os casos registrados. Desta porcentagem contabilizou-se 343 agressões registradas a mais em relação ao ano de 2016. Em 2015 foram contabilizados 319 novos casos. Em 2014 se chegou a 320 notificações e no ano de 2013 foram 314 casos de assassinatos a população de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transgêneros (LGBT). Todos esses crimes e atos de violência são motivados pela homofobia<sup>1</sup>.

Deste modo, estes números representam uma vítima a cada 19 horas. O saldo para o ano de 2017 teve um aumento três vezes a mais do que o observado em 10 anos. Levando em consideração somente casos que são registrados, Luiz Mott, fundador do Grupo Gay da Bahia-(GGB), que fora entrevistado por Valente (2017), relata que o fenômeno pode ser ainda maior, se considerado tantos outros casos que não chegam a ser noticiados.

É possível estabelecer a hipótese de que esses crimes têm relação estreita com a intolerância, voltada às pessoas homossexuais. Outro fato alarmante é que 56% desses assassinatos ocorrem em vias públicas e outros 37% dentro de suas casas, na sua grande maioria sem punição e mais agravante, sem identificar quem cometeu tal ato (BRITO, 2016).

Para Samorano (2017), outro tipo de violência que atinge a população LGBT é o suicídio. Neste caso estimam-se que cerca de 42 homossexuais cometeram suicídio só no ano de 2017. Corroborando com estes dados, o antropólogo e doutorando da Universidade Estadual Paulista, Renan Antônio da Silva, relata que a homofobia pode apresentar-se como fator de risco para o suicídio. Sendo o suicídio

---

<sup>1</sup>Homofobia significa **aversão irreprimível, repugnância, medo, ódio, preconceito** que algumas pessoas, ou grupos nutrem contra os homossexuais, lésbicas, bissexuais e transexuais.

a quinta principal causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos, somente no mês de setembro do ano de 2017, chegando à conclusão de que a população LGBT está cinco vezes mais propensa ao suicídio comparando-se aos heterossexuais. Outro fator muito relevante é a vivência em ambiente hostil com julgamentos e exclusão. Segundo o antropólogo esses índices em relação ao suicídio têm tendência a aumentarem gradativamente.

Desta forma acredita-se que uma família ao rejeitar e/ou negar a orientação sexual de seu filho (a) está inconscientemente auxiliando no processo e proporcionando a autonegação e levando-o também de forma inconsciente a tentar o suicídio. Contudo, os autores Almeida Neto (2003) e Silva et al., (2015), teorizam que é por meio desta violência direta ou indireta que homossexuais têm suas vidas marcadas pela intolerância e discriminação, começando muitas vezes dentro de casa. Assim, colaboram nas complicações para o processo de autoaceitação e, por conseguinte a revelação, principalmente às famílias e depois amigos.

Barbero (2003) esclarece que, quando um filho decide falar sobre sua orientação sexual ele tem o sentimento de estar tirando um peso das costas, o peso da mentira e da enganação que faz para si e para os outros sobre sua homossexualidade, mas, contudo, nem sempre esse processo de revelação é bem recebido, reforçando assim a dificuldade encontrada por esses filhos de revelar aos pais antes que qualquer outra pessoa.

A homossexualidade causa mal-estar às outras pessoas talvez por não terem o conhecimento sobre este assunto. E de fato, quando não se tem um diálogo aberto entre pais e filhos a propagação da dificuldade da revelação homossexual se torna um difícil dilema.

Por ser um tabu a homossexualidade do filho deixa de ser um tema tratado como um assunto espontâneo no seio familiar. Poucos são os pais que conseguem perceber cedo à orientação sexual dos filhos voltada a homossexualidade, os aceitando e respeitando. Assim, resolvem ter uma conversa aberta e madura a qual se exige para tratarem a questão da orientação sexual. É notório que filhos oriundos de lares organizados têm mais chances de serem aceitos e respeitados por seus pais (GOLEMAN, 1995; MODESTO, 2008).

Seguindo o princípio de que toda família deveria exercer um papel de proteger e acolher, é que se trouxeram todas estas informações, objetivando levar a

reflexões e aguçar conhecimentos para a questão sobre a homossexualidade, com o intuito de trazer mais dados sobre esta pesquisa.

O referido trabalho trouxe como problema de pesquisa: Quais atitudes da família diante da revelação da orientação sexual contribuem para o processo de aceitação? Buscou-se, assim, identificar por meio da revisão da literatura existente, algumas atitudes da família que podem ser facilitadoras e contribuir para o processo de aceitação da orientação sexual. Mais especificamente descreveram-se as atitudes não facilitadoras; verificaram-se quais aspectos estão envolvidos na revelação da orientação sexual e o quanto as atitudes facilitadoras promovem essa aceitação e identificou através da literatura os impactos a partir da aceitação quanto à orientação sexual.

As informações abordadas sobre este tema e o seu desenvolvimento tem como justificativa a ampliação de um conhecimento científico sobre as famílias, quando descobrem a orientação sexual de seus filhos, entendendo melhor seus anseios, dúvidas e medos, pois aceitar algo que não foi idealizado também traz sofrimento e dor. Deste modo, esclarecimentos sobre as diversas formas de viver a sexualidade se fazem necessários para ampliar conhecimentos e abranger os familiares e a sociedade como um todo (HAUER; GUIMARÃES, 2015).

Esta pesquisa enfatiza a importância de estudos voltados para essa temática para que possa contribuir com a melhoria de vida familiar, social e profissional de pessoas homossexuais. Enquanto psicólogos, pode-se fazer e ser a diferença, promovendo a aceitação dentro do âmbito familiar e combatendo a homofobia, proporcionando espaços de escuta e troca de experiências com essas famílias, possibilitando esclarecimentos, apoio psicológico para uma boa saúde mental com todos os envolvidos.

É no espaço acadêmico e/ou profissional que se tem maior visibilidade para pesquisas e discussões sobre temas que trazem relevância para o meio social e político, aspectos estes que estão intimamente interligados nas relações dialéticas entre indivíduos e sociedade diante de significados construídos e atribuídos que vão da normalidade à patologia.

Diante dos fatos já descritos cientificamente traz-se também a motivação pessoal na elaboração desta pesquisa, no tocante ao demonstrar aos demais a importância de um bom diálogo e aceitação familiar na orientação sexual de seus filhos.

A Psicologia enquanto ciência que estuda o comportamento humano, e parte de uma classe da sociedade que também estuda os fenômenos da diversidade humana, é fortalecedora e potencializa a autonomia das subjetividades promovendo saúde psíquica. Tem caráter ético de respeito à profissão e a diversidade humana, ao qual deve exercer papel de facilitador e envolver essas famílias também com apoio psicológico promovendo assim, debates e rodas de conversas para que estas possam ressignificar o papel que cabem a elas enquanto família.

## PERCURSO METODOLÓGICO

Quanto à finalidade metodológica, esta pesquisa definiu-se como pesquisa pura, que segundo Gil (2010), o objetivo é gerar conhecimentos novos a partir de outros conhecimentos científicos úteis para o avanço da ciência podendo ou não ser necessária aplicação prática imediata. Desta forma tal pesquisa científica usa procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos.

Quanto à natureza/abordagem da Pesquisa, classificou-se em Pesquisa Qualitativa que segundo Silva e Menezes (2005), faz uma relação do mundo real em dinâmica com o sujeito, ou seja, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito, que desta forma não pode ser elencada em números. Neste processo, a interpretação dos fenômenos se atribui aos significados da pesquisa qualitativa, não sendo necessário uso de números, tabelas, ou seja, métodos estatísticos. É descritiva e o pesquisador busca analisar seus dados indutivamente, tendo como foco o processo de sua abordagem.

Del-masso, Cotta e Santos (2002, p. 13), também corroboram quanto à pesquisa Qualitativa, vejamos:

Quando não emprega procedimentos estatísticos ou não tem, como objetivo principal, abordar o problema a partir desses procedimentos. É utilizada para investigar problemas que os procedimentos estatísticos não podem alcançar ou representar, em virtude de sua complexidade. Entre esses problemas, poderemos destacar aspectos psicológicos, opiniões, comportamentos, atitudes de indivíduos ou de grupos. Por meio da abordagem qualitativa, o pesquisador tenta descrever a complexidade de uma determinada hipótese, analisar a interação entre as variáveis e ainda interpretar os dados, fatos e teorias.

Quanto ao objetivo metodológico, esta se definiu *a priori* como pesquisa exploratória, onde Gil (2010), afirma que tal pesquisa tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema a ser estudado, a fim de torná-lo mais explícito. Podemos dizer então que esse tipo de pesquisa tem como objetivo principal o aprimoramento de idéias, podendo ser bastante específica, aumentando a compreensão de um fenômeno pouco conhecido e quando o pesquisador faz uso de um levantamento teórico em volta de um tema que pretende estudar (DEL-MASSO; COTTA; SANTOS, 2002)

É descritiva, conforme pontua Del-masso, Cotta e Santos (2002), que traz por objetivo descrever as características do objeto que está sendo estudado proporcionando desta forma nova visão sobre essa realidade já existente,

aproximando assim das pesquisas exploratórias. As pesquisas descritivas são, juntamente com as exploratórias, as que habitualmente realizam os pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática (GIL, 2010).

Quanto ao Procedimento Metodológico a referida pesquisa se fez conforme Gil (2010, p. 44), pelo método de pesquisa:

Bibliográfica que é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos, (...) há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisas bibliográficas. As pesquisas sobre ideologias, bem como aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema, também costumam ser desenvolvidas quase exclusivamente mediante fontes bibliográficas.

Severino (2000, p. 122), também vem ratificar quanto ao método de pesquisa bibliográfica no que diz ser aquela que se realiza:

[...] registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utilizam-se dados de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registradas. Os textos tornam-se fontes dos temas a serem pesquisados. O pesquisador trabalha a partir de contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos.

Segundo Gil (2010), a pesquisa bibliográfica, se torna uma vantagem pelo fato de podermos investigar uma gama de fenômenos de forma mais ampla. Diferente se fosse preciso fazê-la diretamente. Tal vantagem se torna muito mais particular e importante quando o problema de pesquisa requer dados em uma gama maior de espaço. Outro fator indispensável quanto à pesquisa bibliográfica é em relação aos estudos históricos, pois em muitos casos não se tem outra maneira de explorar e/ou conhecer fatos passados se não com dados/pesquisas bibliográficas.

O objeto de estudo se deu em pesquisas embasadas nos arquivos literários como livros, artigos, teses de mestrado e legislação em conformidade com tema proposto. Serão analisados artigos em periódicos e teses encontrados nas plataformas Scielo, BVS-PSI, PEPSIC. Tais resultados foram possíveis pela busca com as palavras chaves: Família, Orientação Sexual, Aceitação, Preconceito. Desta forma através das seleções que foram feitas dos artigos, livros e dissertações, foram apresentados conceitos acerca desta problemática.

### 3 DEFINIÇÃO E BREVE PERSPECTIVA HISTÓRICA SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE

Descrever uma definição e desmistificar esse conceito como único acerca da homossexualidade tem sido algo que muitos estudiosos enfrentam desde a antiguidade até a contemporaneidade. A prática afetiva entre pessoas do mesmo sexo não é algo novo na humanidade e muito menos exclusiva do comportamento humano. Pesquisas colaboram no tocante de que esta é uma prática antiga e sempre esteve presente entre a sociedade e em diferentes culturas (BURGIERMAN, 2006; OLIVIERA, 2011).

Assim, Bento e Matão (2012), reforçam que nas antigas civilizações a homossexualidade era aceita sem preconceito, vista com naturalidade inclusive pelas leis e sociedade. Como a exemplo da Grécia, em que relações homoafetivas era uma prática livre, comum, culturalmente aceita e valorizada. A homossexualidade era considerada algo natural, na qual jovens e adultos a tinham como prática inclusive para ritos e tradições daquela época.

Oliveira (2011) contextualiza junto aos demais autores que mesmo a homossexualidade estando presente na Antiguidade de forma natural, ainda assim passou por vários percalços ao longo de sua história. Entende-se que a homossexualidade é uma conotação mais ampla da forma de ser de um indivíduo, é a busca por alguém a quem possa se relacionar e construir uma família, criar laços de amizade, ou seja, algo que vai além do sexo.

Logo, foi na Idade Média que a homossexualidade passou a ser vista como uma doença mental, um comportamento inadequado e imoral pela ascensão da igreja (MESQUITA, 2008). Deste modo, as relações homossexuais foram vislumbradas como algo errado e perverso. Revestido de pecado abominável pela religião judaico-cristã, que *a priori* usou as interpretações de suas escrituras de que o sexo foi feito somente para a procriação e não para o prazer. Fazendo com que a homossexualidade fosse enxergada como anormalidade, tendo estreita ligação com feitiçarias e ao demônio.

O preconceito judaico-cristão alastrou-se por toda sociedade européia do século XIX, tendo uma dominação religiosa a respeito das relações sexuais pelos homossexuais (POESCHL et al., 2012).

Para Oliveira, (2011), a religião faz uso de um caráter político e ideológico social que pode definir a sexualidade e orientar indivíduos de forma rígida, negando a sexualidade e dispondo-a apenas a um caráter único: o reprodutivo entre homens e mulheres. O mundo ocidental em que os cristãos são maioria, a homossexualidade é atrelada a dogmas religiosos do cristianismo.

Vale salientar que com todo esse poder e ascensão por parte da igreja, começou-se de fato a perseguição aos homossexuais. Assim, a igreja contribuiu para que homossexuais fossem discriminados e tivessem seus direitos violados (BENTO e MATÃO, 2013; POESCHL et al., 2012).

Outro fator que causou hostilidade frente aos homossexuais foi a classificação da homossexualidade como patologia por parte da classe médica, classificando-a como doença mental e perfazendo com que fossem criadas clínicas para doentes homossexuais. Esses fatos tiveram sérias conseqüências, pois foram cerca de 20.000 homossexuais mortos pelos nazistas nos campos de concentração (POESCHL et al., 2012).

O homossexualismo passou a existir na Classificação Internacional de Doenças (CID), a partir da 6ª Revisão (1948), na Categoria 320 Personalidade Patológica, como um dos termos de inclusão da subcategoria 320.6 Desvio Sexual. Manteve-se assim a 7ª Revisão (1955), e na 8ª Revisão (1965) o homossexualismo saiu da categoria "Personalidade Patológica" ficou na categoria "Desvio e Transtornos Sexuais" (código 302), sendo que a subcategoria específica passou a 302.0 - Homossexualismo. A 9ª Revisão (1975), atualmente em vigor, manteve o homossexualismo na mesma categoria e subcategoria, porém, já levando em conta opiniões divergentes de escolas psiquiátricas, colocou sob o código a seguinte orientação: "Codifique a homossexualidade aqui seja ou não a mesma considerada transtorno mental" (LAURENTI, 2010, P. 344).

Carvalho, Silveira e Dittrich (2011), trazem que após essa orientação dada pela Organização Mundial de Saúde (OMS), é que movimentos sociais começaram a buscar em evidências científicas, que a homossexualidade não é uma doença e sim uma variação normal da sexualidade humana. Foi a publicação da *American Psychological Association* (APA), que trouxe força a esses grupos com vários dados, aos quais mostram variadas tentativas de mudança de orientação sexual, por toda classe médica na prática clínica.

Estes dados trazem um extenso relatório, que foi revisado nos anos de 1960 a 2007, por mais de 80 estudiosos, onde se buscava encontrar esforços para a mudança de orientação sexual. Eram os chamados sex orientation change efforts (SOCE), em português, Esforços Para Mudança de Orientação Sexual.



Destacam-se, entre as conclusões do relatório: (1) é improvável que indivíduos possam ter seu desejo pelo mesmo sexo diminuído ou o desejo pelo sexo oposto aumentado por meio de SOCE; (2) as tentativas de SOCE nos estudos mais antigos demonstraram que alguns indivíduos sofreram malefícios quando submetidos a tais procedimentos, como: perda do desejo sexual, depressão, suicídio e ansiedade; (3) recomenda-se a chamada “Psicoterapia Afirmativa”, que inclui aceitação, evitar a criação de estigmas voltados ao comportamento sexual do cliente e buscar o aumento de sua compreensão sobre seus sentimentos e valores, com conseqüente integração de sua orientação sexual aos outros aspectos de sua vida (CARVALHO; SILVEIRA; DITTRICH, 2011, p. 75).

É neste contexto que de acordo com a APA (2009), entende que a orientação sexual é um padrão existente de atração emocional, romântica e/ou sexual, seja por homens, mulheres ou ambos. O que se pode dizer sobre a homossexualidade é que não existe um consenso entre os estudiosos em relação a essa temática, ao qual determine a orientação sexual como um transtorno ou desvio de conduta sexual. As investigações estão em volta de aspectos genéticos, hormonais, etc.

Diante desses fatores já mencionados que médicos, psicólogos e psiquiatras não vêem homossexuais menos saudáveis que heterossexuais, é, por conseguinte que órgãos da saúde como a *American Psychological Association* e o Conselho Federal de Psicologia trabalham em prol da aceitação e o respeito à diversidade humana sexual. Pois se tem evidências de que o contrário a essas condutas de mudança a orientação sexual, existem procedimentos mal sucedidos que trazem riscos aos envolvidos neste processo (CARVALHO; SILVEIRA; DITTRICH, 2011).

Vários grupos de homossexuais juntam-se aos movimentos sociais e começam a lutar fortemente em prol da retirada da classificação da homossexualidade como doença mental ou distúrbios psicológicos. Mediante todo esse movimento finalmente no século XX, essa nomenclatura dada aos homossexuais é negada em laudos médicos (OLIVEIRA, 2011).

Tais visões patologizantes aos homossexuais se deram pelo desprezo, rejeição e hostilidade sofrida pela sociedade e famílias que não aceitavam ter um filho homossexual, a homofobia junto ao preconceito foi alvo de estudo para entender que a homossexualidade não era uma doença.

Desta forma, com o surgimento do termo homofobia, a homossexualidade passa a não ser mais vista como doença, não sendo mais considerada por organizações mundiais de saúde e muitos países como distúrbio ou perversão sexual. Dando seguimento a Associação Americana de Psiquiatria (APA), no ano de 1973 retira essa nomenclatura, e juntamente a mesma época retira-se também da

Classificação Internacional de Doenças (CID). Logo, em 1975 a Associação Americana de Psicologia adota a mesma conduta (OLIVEIRA, 2011; POESCHL et al., 2012).

Um pouco mais tarde no ano de 1985 é que o Brasil deixa de adotar a homossexualidade como desvio sexual. Logo é na mesma data que o Conselho Federal de Medicina (CFM) muda os códigos 302.0 onde diagnosticava como desvio e transtorno sexual para o então código 206.9 associando a outras circunstâncias psicossociais (BENTO; MATÃO, 2013). Neste mesmo ano o Conselho Federal de Psicologia (CFP), também deixa de considerar e classificar a homossexualidade como desvio sexual passando a ser considerada uma manifestação natural e saudável da sexualidade humana (OLIVEIRA, 2011).

Em 1999 o CFP estabelece regras éticas através da Resolução nº 001/99 de 22 de março do mesmo ano para a atuação dos psicólogos em relação a questões de orientação sexual (CFP, 1999).

Art. 3º - Os psicólogos não exercerão qualquer ação que favoreça a patologização de comportamentos ou práticas homoeróticas, nem adotarão ação coercitiva tendente a orientar homossexuais para tratamentos não solicitados.

Parágrafo único - Os psicólogos não colaborarão com eventos e serviços que proponham tratamento e cura das homossexualidades (Conselho Federal de Psicologia, 1999)

Deste modo, entende-se que a psicologia enquanto ciência e profissão aceita a homossexualidade como uma manifestação natural da sexualidade, e orientam psicólogos a trabalharem na desmistificação do preconceito e discriminação, assim como suas práticas em seus consultórios ou demais atuações.

Em contrapartida, atualmente um projeto de lei PL 46.931/2016, de autoria do deputado federal Ezequiel Teixeira (PTN-RJ) propõe-se que a pessoa tem direito a modificação da orientação sexual em atenção à dignidade humana. O referido projeto faculta aos profissionais de saúde mental o direito de trabalho em prol da reversão da orientação sexual e impedindo que sanções possam ser tomadas aos profissionais que assim o fizerem (JÚNIOR, 2017).

Inclusive aos psicólogos nada poderia ser feito pelo CFP para coibir atos de má conduta em relevância a Resolução Nº 001 de 1999, no tocante a todos seus artigos, mas como parágrafo único que explicita bastante tal ação “Os psicólogos não colaborarão com eventos e serviços que proponham tratamento e cura das homossexualidades” (CFP, 1999).

Seria um retrocesso ao invés de uma evolução? Anos tratando a homossexualidade como doença mental, perversão, distúrbio sexual, para que nos dias atuais, depois de tantas comprovações por estudos, nos depararmos com um projeto de lei que vai ao contrário de tudo que já foi pesquisado e comprovado cientificamente? Para os autores Nunan, Jablonski e Féres-Carneiro (2010), o que se causa a esses indivíduos é o sofrimento psíquico devido à homofobia aliado a agressão física e/ou verbal.

Mesmo com tantos avanços no tocante a essa temática pela classe médica e por profissionais da psicologia, considerando o sofrimento, o estereótipo e a marginalização aos homossexuais, infelizmente nos dias atuais ainda se tem muito a alcançar, diante de uma sociedade que discrimina, exclui e mata diretamente ou indiretamente. São percalços que todo homossexual ainda tem para enfrentar, isso se faz presente no cotidiano de suas vidas. Seus direitos negados, violados. São fatores negativos que se acumulam diante de uma possível revelação para familiares, amigos e sociedade.

A intolerância que gera a violência aos quais os homossexuais estão sujeitos, pode até ser simbólica aos grupos que a protagonizam, embora saibamos que é legitimadora física. Essas são violências específicas aos grupos homossexuais em um contexto geral. São essas intolerâncias que se caracterizam os crimes de ódio, desprezo e aversão que sentem pelos homossexuais (ALMEIDA NETO, 2003).

#### 4 CONSTRUÇÃO SOCIAL E CULTURAL ACERCA DA ORIENTAÇÃO SEXUAL POR PARTE DA FAMÍLIA

Faz-se necessário observar atentamente as relações a que o indivíduo estabelece nos múltiplos contextos em que se insere como família, trabalho, escola e comunidade, de forma que essas relações contribuem direta e/ou indiretamente para seu desenvolvimento. Assim o homem por toda sua vida tem seu desenvolvimento em uma cultura que se expressa por meio de crenças, valores e atitudes, que se misturam ao seu amadurecer biológico e ao seu comportamento, atitudes e conceitos. (MEIRA; SANTANA, 2014).

Ressaltando que é por meio da interação social que o homem se desenvolve e aprende, constrói novas e diferentes formas de interagir na sociedade, contemplamos que o homem é um ser histórico, social e biológico. Podemos justificar mais coerentemente e afirmar que a sexualidade é um processo histórico-

cultural, entendendo que a sexualidade se manifesta por todo processo de desenvolvimento do homem, ampliando essa compreensão às suas experiências, vivências e trazendo reflexões sobre essas significações e deliberações sexuais (VITIELLO, 1997).

Logo entendemos que as definições sobre a suposição da construção da sexualidade é medida por fatores culturais e históricos, podemos perceber as variações culturais da sexualidade, sendo compreendidas as raízes da história da homossexualidade pela antiguidade. Uma análise feita nesta história se tornou possível mediante estudo da homossexualidade, buscando defender o argumento de que o comportamento sexual é diferente da identidade sexual. Uma pesquisa antropológica intercultural sobre a homossexualidade levantou questões acerca da natureza e origens. Embora outros modelos biomédicos tenham procurado estabelecer uma relação entre desejo sexual, comportamento sexual e identidade sexual, pesquisas sociais e culturais vem constantemente relacionando amplas variações presentes entre diferentes espaços culturais e sociais (PARKER; LOURO, 2000).

Meira e Santana (2014) argumentam que tal concepção do homem se correlaciona com seu desenvolvimento ao qual define não somente a compreensão a respeito desta evolução, mas também todo seu processo de aprendizagem. Sendo assim, o modo pelo qual temos tal compreensão do desenvolvimento humano vai então, definir nossas atitudes com o outro, dentre elas decisões e mediações, podendo ser estas embasadas tanto por conceitos científicos, quanto por nossas crenças e experiências de vida.

A partir destas definições verifica-se uma melhor compreensão da representação da homossexualidade frente a diferentes variações ao longo da história.

Mesquita (2008) teoriza outro fator de suma importância para a compreensão dos aspectos socioculturais que abrangem a origem da homossexualidade, que é a noção do gênero, considerando assim a predominância de dois sexos: o biológico homem e mulher. Neste caso, se seguirmos pelas colocações dos gregos haveria somente dois corpos distintos, vistos como iguais os órgãos reprodutivos e as diferenças seriam unicamente pela não externalização de pênis e testículos na mulher, ou seja, um só corpo conferindo diferentes marcas sociais.

Corroborando com a definição de gênero que veio contra a de sexo, onde sexo está ligado às diferenças biológicas entre homens e mulheres, e gênero à construção social e cultural das características e atitudes que se atribuem a cada um em diferentes sociedades (MESQUITA, 2008).

A construção social e cultural para o autor Maxwell (2000), por parte das famílias é a de que estão criando filhos heterossexuais. Pois tudo em volta corroboram para tal feito, festas, sociedade, escola. Apesar de todo esse meio em que vivem e seja essa a conduta em criá-lo como heterossexual, aos poucos esse indivíduo começa a perceber que nada faz sentido. Seus gostos não são os mesmos que o pai, o irmão ou o amigo que tanto falam. Assim, a família quando percebe essas diferenças, *a priori* com seus conceitos e paradigmas pré-estabelecidos têm a difícil aceitação em enxergar essas diferenças latentes neste sujeito. Família e sociedade não sabem o imenso esforço já feito por muitos para negar tal desejo e afeto por uma pessoa do mesmo sexo.

[...] A identidade heterossexual normativa exige que se construa, ao mesmo tempo, a homossexualidade como falta o que se deixa de pensar é que todas as sexualidades devem ser construídas, que nossas práticas e interesses são socialmente negociados durante toda nossa vida e que a moldagem sexual não precisa estar presa a estruturas de dominação e sujeição (BRITZMAN, 1996, p. 91).

Para Silva (2013), se faz necessário tornar realidade uma contextualização referente à homossexualidade, demonstrando à família e sociedade que a orientação sexual e a sexualidade são garantias de todo cidadão. Pois enxergamos a sexualidade como meio apenas para a reprodução, falar sobre sexualidade e suas diversidades ainda é um tabu, tornando-se assim a necessidade de desconstruir esse pré-conceito formado.

É com base na discussão sobre a sexualidade que se reformula toda uma construção social e cultural acerca do preconceito, violência contra a homossexualidade, discriminação e exclusão. Somente desta forma ao invés de espalhar intolerância, espalhemos respeito ao outro e sejamos assim tolerantes aos que se diferem dos demais, convivemos em harmonia mudando a forma cultural que muitos foram educados sob condutas de agressão e preconceito.

Hauer e Guimarães (2015) fortalecem que junto ao processo de construção social há também um processo de culpabilização por parte dessas famílias, pois em meio a essa desconstrução social e nova construção social envolvem-se as relações de gênero do que é ser mãe. Aceitar a homossexualidade de um (a) filho (a)

demanda um difícil processo. Contudo, esse processo de culpabilização se formula frente aos questionamentos surgidos muitas vezes a essa mãe, ou da própria em si, na tentativa de encontrar o erro, a falha, seja por ordem social, biológica ou psicológica sobre a orientação sexual exposta pelo (a) filho (a).

A culpa geralmente vem junto do sentimento de vergonha, do medo sobre o que sociedade irá falar e julgar, da relação de ser ou não uma boa mãe, se soube ou não criar, educar, são os conceitos e julgamentos culturalmente internalizados pela sociedade em relação a essas mães/famílias.

Outro fator negativo nessa relação é a religiosidade que cerca as famílias e sociedade, onde um homossexual é pecador, por manter relações afetivas e sexuais com outra pessoa do mesmo sexo. Teoriza-se a importância de promover discussões sobre essa temática para sanar e esclarecer dúvidas dessas famílias e as empoderarem de certezas e construção social e cultural positiva de seus filhos (TOLEDO, 2007).

É neste tocante que os autores Prado e Machado (2008); Toledo (2007) explanam a necessidade de aumentar discussões sobre o papel da família no processo dessa nova construção social e no processo de vivência da homossexualidade. Se torna necessário desconstruir o preconceito culturalmente internalizado nesse processo, somente assim podemos sonhar com uma igualdade relacional entre família, sociedade e homossexuais, baseada no respeito e tolerância. Estereótipos e preconceitos ainda são latentes e direcionados aos que são julgados desviantes de normas e condutas pela sociedade. O levantamento dessas discussões possibilita crescimento, respeito e ajuda para um processo de autoaceitação e aceitação por parte das famílias, amigos e alcançando também a sociedade.

O conhecimento reproduz saber, desconstrói a discriminação social e a negligência dessas famílias. Essas mesmas famílias necessitam de libertação social e só o conhecimento pode libertá-las. A desconstrução do preconceito aos homossexuais é um fato a ser construído, o contexto sociocultural o qual fazemos parte, é via de acesso à compreensão e devemos então caminhar na construção de uma história diferente da história atual a qual estamos inseridos. A sexualidade é sem sombra de dúvidas uma construção de valores contemporâneos, condutas éticas de um processo contínuo de percepção de quem somos pelas

contextualizações históricas, culturais e de relações humanas específicas (SILVA, 2013).

## 5 O PRECONCEITO E O DILEMA DA REVELAÇÃO PARA A FAMÍLIA

Ao se trazer o discurso a respeito do preconceito, e como estes atos dificultam a revelação de quem se é, trazemos o dilema vivenciado frente às famílias com seus filhos. Diante desses fatores, se torna essencial uma discussão a respeito dessa temática.

A Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania (CCJ) aprovou um projeto que permite o reconhecimento legal da união estável entre pessoas do mesmo sexo (PLS 612/2011), Senado Federal (2011), e mesmo diante deste projeto garantindo aos homossexuais a constituição de uma relação afetiva e estável, a realidade se expressa de forma contrária à sua orientação sexual frente ao preconceito e livre de julgamentos.

Este é um dos maiores problemas enfrentado por eles junto à sociedade e família, o medo e a insegurança são sentimentos que vivem lado a lado (BENTO e MATÃO, 2012). Verifica-se que mesmo diante da homossexualidade ter ganhado uma maior visibilidade dentro de um espaço na sociedade, ainda assim é um assunto pouco falado, discutido e problematizado, dentro do âmbito familiar.

Observa-se que muitos vivem a esconder da família e amigos sua orientação sexual, por um longo período de tempo. Escondem-se pelos sentimentos negativos que sentem, ou seja, a reação que é motivada pela educação que tiveram voltada a heterossexualidade, onde homem só poderia ter relações afetivas com mulher e por sua vez, mulheres com homens (BENTO; MATÃO, 2012).

Uma família quando planeja ter um (a) filho (a), não se alia a esse planejamento a possibilidade de se ter um (a) filho (a) homossexual, por mais que numericamente esses dados tenham tido um aumento significativo, onde cerca de 17,9 milhões segundo o censo 2010 são homossexuais, ou seja, são 9% da parcela da população nacional. Ainda assim, com todo esse aumento não se cogitam essa possibilidade no âmbito familiar (CAMPOS, 2015; LAURIANO; DUARTE, 2011).

É neste contexto que Barros (2013) traz duas formas de preconceito contra os homossexuais. A primeira seria a homofobia individual, aquela a qual se motiva pela aversão de alguém a outra pela sua orientação sexual, o homofóbico tende a agredir o homossexual por achar que por ser gay o outro é frágil e vulnerável, efeminado,

presa fácil e não vai reagir ou que ninguém vai socorrer, por pensar que como ele outros o odeiam por ser gay.

A outra forma de preconceito é a homofobia cultural, entende-se que gays estão na prostituição por estarem ligados ao uso de drogas e não porque foram subjugados, excluídos pela família e expulsos a mercê da sociedade. Quando algo ocorre neste meio em relação aos programas por eles praticados, mesmo tendo envolvimento com drogas ou latrocínio, e envolvendo rapazes que transam com gays e depois os matam e os roubam aqui se constata fielmente a homofobia cultural, parti-se do pressuposto que veado tem que morrer.

Acredita-se que a tolerância ao que é diferente dentro da normalidade que uma sociedade adota, está longe de ser alcançado, onde números alarmantes de agressões físicas se tornam cada dia mais visível e letal.

Conforme pontua Valente (2017), só no Brasil no ano de 2017, se teve um grande aumento na intolerância voltada aos homossexuais, quando feito uma relação com o ano de 2016. Registrou-se 343 casos a mais, de um ano para o outro. Esses números se mantiveram com índices elevados, quando comparados com o ano de 2015, 2014 e 2013. Estes atos de intolerância são alimentados pela homofobia, isso significando que a cada 19 horas se faz uma vítima da homofobia.

São essas relações de poder que um grupo atribui a outro a qual julga ser minoria e menospreza em um processo de categorização e estereotipização, levando a comportamentos segregados e discriminatórios. Tal ato leva o homossexual a ser visto como diferente, excluído e estereotipado por demais grupos. É colocado em posição de menor poder frente à sociedade, gerando então conflitos nas relações interpessoais e conjugais. Tais demandas influenciam diretamente aspectos de bem-estar psicológico (CAMPOS, 2015).

Prado e Machado (2008) confirmam que a homossexualidade é tão presente no mundo em diversas formas históricas e cultural da sociedade. Historicamente evidencia-se que a homossexualidade sempre foram práticas sociais e sexuais nas experiências da diversidade humana. Contudo, é nesta relação de desigualdade social e exclusão que autores afirmam quanto às relações sociais e institucionais estão categoricamente e legitimada a uma experiência social com menos direitos sociais, colocando-os assim de forma estigmatizada, excluída e inferiorizada.

Essa discriminação aos homossexuais só os mantém ainda mais escondidos de sua realidade sexual, obrigando-os a viverem cercados por mentiras, conflitos



internos, em uma sociedade com valores morais, onde religiosos e uma sociedade heteronormativa os julga por serem diferentes do que eles culturalmente acreditam ser, os tem como doentes e promíscuos, acarretando assim a homofobia (JUNQUEIRA, 2012).

Neste processo se chega ao que chamamos de homofobia internalizada, dependendo do grau desse sofrimento psíquico como culpa ansiedade e depressão. As vítimas passam a aceitar os estereótipos e o incorpora a sua autoimagem, nutrindo-se de sentimentos negativos sobre sua própria orientação sexual, o que generaliza o *self*<sup>2</sup>. Assim para, Alexandre, Lima e Galvão (2014), tal preconceito causa isolamento social, afetivo e sexual pelos homossexuais.

Pois assumir uma identidade lésbica, gay ou bissexual, envolve certa medida de autoaceitação dos próprios desejos homossexuais. São sujeitos que se encontram entrelaçados meio aos desejos homoafetivos, causando assim um estado psicológico de sofrimento ao negar sentir tais desejos, pois não os admitindo para si (LEVOUNIS; DRESCHER; BARBER, 2014).

Desta forma, pessoas homossexuais por medo e sentimentos de vergonha pelos atos discriminatórios, acabam tendo comportamentos diferentes dos seus reais desejos. Escondem de si e dos outros, casam-se com pessoas do sexo oposto no intuito de mascarar sua verdadeira realidade (LEVOUNIS; DRESCHER; BARBER, 2014).

É muito significativo o sentimento de exclusão por parte dos homossexuais, até mesmo quem não sofreu algum tipo de preconceito pela sua orientação sexual, estes sentem receios de serem os próximos, fazendo com que seja necessário omitir sua orientação sexual, tanto para família quanto aos amigos por medo da discriminação e exclusão do meio em que vivem (ALEXANDRE; LIMA; GALVÃO, 2014).

Mesmo com avanços significativos em relação ao tema homossexualidade, a revelação ainda se torna dolorosa e sofrida. Ao passo que revelar para o outro sua orientação sexual é um abrir-se interiormente o que requer superação e amadurecimento tanto de quem fala, quanto para quem o ouve. *A priori* há a

---

<sup>2</sup> O **Self** ou Si Mesmo representa o anseio humano de unidade. O **Self** não é apenas o ponto central, mas também a circunferência que engloba tanto a consciência como o inconsciente. Ele é o centro dessa totalidade, do mesmo modo que o ego é o centro da consciência. (Carl Gustav Jung; **Psicologia** e alquimia – § 44).

dificuldade em se aceitar e se assumir, como já falado, este processo é ressignificado e essa autoaceitação passa a ser um alívio. Pois foram obrigados a viverem anos negando para si e/ou negando ao outro sobre sua sexualidade (BENTO E MATÃO, 2012).

Logo para os autores, Levounis, Drescher e Barber (2014, p. 43).

A revelação da própria sexualidade para os outros pode ser compreendida como um meio de obter autenticidade pessoal, apoio social, proximidade interpessoal, libertação de angústia da descoberta e da rejeição antecipada, desistência de uma pretensão heterossexual e, quando o outro é também homoerótico, a possibilidade de um parceiro romântico ou sexual.

Entende-se que tanto família quanto filhos homossexuais têm dificuldades em aceitarem sua própria orientação, pelo fato de estarem inseridos num contexto de crenças, tabus e construções sociais, sendo necessária uma compreensão desta orientação para ressignificar possível conflitos familiares e superar dificuldades nesta aceitação da homossexualidade (SILVA et al., 2015).

Muitos desses jovens quando não assumem sua homossexualidade sentem-se vulneráveis e inferiores, são vários os motivos para se manterem escondidos. Um dos maiores problemas encontrados é o medo de perderem amigos, família, serem expulsos de casa e tão logo a violência física e psicológica, ou seja, a discriminação de modo geral (BENTO; MATÃO, 2012).

É perceptível que homossexuais vivenciam um difícil dilema entre revelar ou não sua orientação sexual, pois não se assumir aumenta-se sentimentos negativos, mas em contrapartida sentem que serão menos discriminados em relação aos que já são assumidos. Portanto, quanto mais discutirmos a temática homossexualidade, desta forma podemos fazer com que haja maior interação entre sociedade heterossexual e homossexual, possibilitando discussões e debates com o objetivo de expor e esclarecer dúvidas a fim de facilitar o processo de revelação e aceitação da própria sexualidade (POESCHL et al., 2012).

## 6 ATITUDES QUE FACILITAM O PROCESSO DA ACEITAÇÃO DO (A) FILHO (A) HOMOSSEXUAL

Neste capítulo pretende-se descrever a respeito da postura da família no processo de aceitação de seus filhos, processo este que se desenvolve meio a dúvidas, tristeza, indagações, mas que logo após todas as dúvidas sanadas, a família se fortalece e acolhe seus filhos, tomados por um amor incondicional e empatia voltada à orientação sexual de seus filhos. Torna-se importante a

construção deste processo, para descrever de forma coerente quais atitudes positivas que facilitam a estes pais a aceitação diante da revelação.

Assim, as estruturas sociais moldadas no modelo patriarcal e nuclear, na contemporaneidade sofreram mudanças e uma nova reconfiguração junto aos modelos familiares tornaram-se necessárias. Deste modo, abriram-se inúmeras possibilidades de novas configurações familiares, modificando então o conceito de família diante dos diversos significados por várias áreas do conhecimento. Contudo, família sempre se fará presente em todos os contextos sociais, costumes e educação, mesmo que diferentes umas das outras (KURASHIGE; REIS, 2017).

É de fácil compreensão a reação negativa por parte da maioria das famílias, frente à revelação da homossexualidade dos filhos, o que não se pode esquecer é que a sexualidade dos filhos faz parte do contexto familiar, assim como tantos outros aspectos em relação ao âmbito de suas vidas (HAUER; GUIMARÃES, 2015).

Contudo, Kurashige e Reis (2017), enfatizam que os sentimentos familiares se mantêm indiferentes e que família se sustenta, se conserva de forma organizada como instituição unida, sendo única e permanente. Assim, família é um sistema onde se há uma reprodução social de padrões, onde formas de socialização, as expressões de afeição e ternura seguem sendo orientadas por padrões culturais de uma sociedade. Logo, família se concebe como porto seguro, frente à violência manifestada por uma sociedade individualista.

O que se pode viabilizar frente às famílias é que mesmo que se tenha um (a) filho (a), homossexual, é nesta instituição que este (a) filho (a) deveria encontrar apoio tanto emocional quanto psicológico, de modo a ofertar acolhimento, respeito e afeto. Assim, Rogers (1987) afirma que possuímos inúmeros recursos para que sejamos capazes de modificar autoconceitos e se ter uma autocompreensão às quais são: a congruência, a aceitação incondicional e a empatia pelo amor ao (à) filho(a).

Ainda para Rogers, estes recursos são ativados mediante um clima favorável de atitudes psicológicas facilitadoras na relação pais e filhos (as), onde num clima de atitude positiva, a aceitação é verdadeira e congruente fazendo com que este filho (a), sintam-se encorajado (a) e aceito. Percebem que seus pais o compreendem, clarificam seus sentimentos e significados para si e filho (as).

Neste tocante Hauer e Guimarães (2015), corroboram que há fatores os quais influenciam a aceitação, sendo estes: a mudança na relação familiar logo que se

descobre ou se é revelado à homossexualidade, as novas concepções desta família em decorrência da aceitação e por fim as percepções da família frente à homossexualidade e as relações de seus filhos (as).

O apoio que muitos pais encontram em um amigo especial da família, é essencial neste processo de aceitação, já que a cobrança por muitos de dentro da família virá. Estar mais próximo e presente no cotidiano dos filhos a partir da descoberta são fatores positivos, pois deste modo, se esclarecem dúvidas, receios e anseios acerca deste novo sujeito a si redescobrir. Em alguns casos o apoio vem de outros irmãos (ãs), do companheiro, uma relação mais aberta livre de pré-conceitos estabelecidos e sem julgamentos. Assim aceitar tal fenômeno, implica em nomear e conhecer essa tão complexa diversidade humana.

Butler (2003) traz a discussão que família, tem a necessidade de buscar, procurar justificativas para encontrar onde ou como os filhos decidiram ir pelo outro lado/caminho, e precisam apontar um culpado, para só depois de todo este processo, iniciar-se o outro, o da aceitação. Pois ao se ter a heterossexualidade normativa e compulsória, toda e qualquer diversidade sexual se torna um desvio de conduta e trará consigo problemas para quem assim vive.

Ainda de acordo com o autor, torna-se importante relatar que toda família busca assim como apontar um culpado, também de outra forma tentam buscar explicações para a origem da homossexualidade, como o biológico, psíquico e social. Como se por ter sofrido um abuso sexual os filhos poderiam transformar-se homossexuais, por terem sidos criados por mulheres exclusivamente sem a presença masculina, isso também os fariam ser homossexual e por fim a esfera biológica quando uma mãe deseja muito ter um filho de um determinado sexo e nasce de outro, assim este filho se tornaria homossexual pelo desejo inconsciente da mãe durante a gestação. Seria encontrar realmente um culpado? Se é que existe? Ou a isenção de responsabilidade, por ser julgada por família e sociedade?

Prado e Machado (2008) e Toledo (2007) ressaltam que essas famílias trabalham em um processo constante de busca de informações diante desse processo de aceitação e elaboração na relação fraternal com seus filhos. Pois, existe de um lado a invisibilização, a hostilidade e de outro a aceitação. É o processo e a compreensão ocorrendo em conjunto. É com forte amadurecimento e crescimento que essas mães conseguem aceitar a homossexualidade dos filhos,

enfrentando o preconceito social internalizado nelas próprias, e assim enxergar o quanto é valioso a aceitação delas para com os filhos.

Para Hauer e Guimarães (2015), quando se tem o apoio familiar, estes lidam melhor com sua sexualidade, isso não significa que eles não sofram ou não vivenciem o processo de aceitação, mas quando recebem afeto e proteção no âmbito familiar este processo se torna menos doloroso.

Assim, são lógicas que se contradizem, pois estas precisam ser superadas. A primeira é a descoberta deste filho homossexual, onde se desencadeiam inúmeros sentimentos, inclusive a aversão, preconceito aos homossexuais, e a segunda o amor ao filho, este que se redescobre e sente necessidade de ser quem realmente é. É a mistura de valores e princípios positivos e negativos, que até então andavam separadamente ante a descoberta do filho homo, agora se misturam e precisam ser enxergadas e ultrapassar as barreiras da invisibilidade (MODESTO, 2010).

Percebe-se que o preconceito que se permeia frente ao senso comum sobre a homossexualidade e os valores culturais das famílias, conforme corrobora Welzer-Lang (2001), que este se segue pelo medo em relação aos trejeitos, maneira de ser, vestir e se comportar dos filhos e ainda dos amigos. Por tal ato o medo da violência, a estigmatização se revela nas percepções familiares. Para superar todas essas barreiras culturais e sociais, somente a vivência autêntica diante da aceitação afetiva e singular pelo (a) filho (a), junto às emoções e sentimentos de amor incondicional são capazes de lidar e ressignificar o novo ser que habita neste filho.

É desta forma que a homossexualidade se torna verdadeira para mãe e filho, quando se permite enxergar o nosso ser no mundo, de acordo com Heidegger (1981), tal ato denomina-se estado de ânimo, que se evidencia pela forma a qual nosso ser no mundo é tocado e afetado pelas pessoas que se encontram próximo a nós.

Critelli (2006, p.103), afirma que “através das nossas emoções é que nosso ser e o ser em geral fazem ou ganha sentido”. As emoções que envolvem pais e filhos são maiores para aceitar e proteger os seus.

Aos pais o que mais fica evidente depois do processo de aceitação é o estigma visível voltado aos homossexuais, como se tudo relacionado a eles fossem somente a atividades sexuais. A violência é outro fator que seus filhos sofreram, sofrem e sofrerão, se sentem impotentes, pois sabem que se para eles enquanto família a aceitação sofreu um grande e doloroso processo, imaginam que a

sociedade também os discriminarão, a aceitação por parte da sociedade ainda é uma utopia (BORGES, 2009).

Assim, Modesto (2010) afirma que o medo que se instala em ambos, é pela busca e necessidade de aceitação, pois há uma mistura de sentimentos como a angústia e a ansiedade sobre o que está por vir. Já fazem idéia do que pode ser, a discriminação e a marginalização as pessoas homossexuais. A insegurança toma frente e a imaginação, diante do sofrimento deste filho em busca da aceitação de sua orientação sexual.

Conforme o mesmo autor, tais sentimentos podem ser amenizados diante da projeção que o ato sofrido como a discriminação faz, para isso a aceitação familiar deve ser de forma positiva, para com este filho.

É a aceitação do outro de forma autêntica, possibilitando que este filho(a), torne-se pessoa independente destes pais. É dar condições para crescer e amadurecer enquanto pessoa, é desprender-se de qualquer ato hostil, vergonha ou medo (ROGERS, 1987).

Somente assim, os números alarmantes que se têm as margens da vulnerabilidade tendem a cair, pois o envolvimento com substâncias psicoativas, o sair de casa (abandono familiar) e o mais alto dos índices, o suicídio, que é cientificamente comprovado o mais severo, ocorre quando esta aceitação não é possível e viabilizada (MODESTO, 2010).

Outro fator de extrema importância que é conquistado neste processo, o autoconhecimento e a autoaceitação. É o “sair do armário” em busca da autoestima, o conhecer-se e saber do seu valor, impondo respeito e autorrespeito às pessoas. A busca pela felicidade em poder viver como se é, como se vê, com seus valores éticos e morais diante de toda sociedade (LA TAILLE, 2006).

El Gêbêê (2003) teoriza que se faz necessário reconhecer-se, dar ouvidos as suas atrações e fantasias, seus desejos e comportamentos que envolvem pessoas do mesmo sexo e que para estes, tem um significado diferente do pensado pela sociedade. Esta etapa do processo pode ser suavizada e com mais conforto diante do poder ser quem sempre se quis ser, tanto para família, quanto, e principalmente, para si.

Cochen e Savin-Williams (2014) enfatizam que se atrela a essa “saída do armário” os domínios da orientação sexual, ou seja, esclarecer o que é cada nomenclatura a respeito, como orientação sexual refere-se à predominância de

pensamentos, sentimentos e fantasias eróticas que se tem por pessoas de um mesmo sexo específico. É algo que já nascemos, considerada normalmente imutável, estável e resistente ao controle consciente. O comportamento sexual refere-se às atividades sexuais onde o indivíduo se envolve. E por fim, a identidade da orientação sexual, que é um rótulo socialmente construído para representar sentimentos e comportamentos sexuais, como também os interesses românticos.

Contudo, Modesto (2008) traz que aceitar a homossexualidade do filho (a), significa externalizar por mais difícil que seja, o tão cobrado amor incondicional ao filho (a). É dever de mãe, amar, proteger, cuidar. Por que é tão chocante para muitas mães aceitarem tal condição, diante de um fato novo sobre seus filhos (a)? Porque muitas dessas mesmas mães julgavam os filhos de outras mães, e de repente se veem na mesma situação, parte daí o questionamento sobre ser verdadeiro ou não, tal sentimento. Ou seria uma normativa imposta por sociedade, uma hipocrisia construída socialmente? Muitas famílias esbarram na heteronormatividade imposta para o cumprimento do amor incondicional. E lutar contra tudo e todos também requer energia, forças, para amar e respeitar, pois um filho (a), não deixa de ser filho (a) por ser hétero ou homo.

Começa-se então a serem reformuladas outras e novas histórias após a angustia, tensão, frustração e decepção, logo o que se inicia são ações de integração, tolerância, assentimento e reconhecimento deste “novo” filho (a). Família passa desta forma, de malevolente para benevolente e isso é resultado da ressignificação dos papéis de família para com estes filhos (as). A raiva e até mesmo os sentimentos de vergonha e ódio passam e agora o que toma espaço é o sentimento acolhedor, tornando presente o esforço para ser tratado e visto com naturalidade (MODESTO, 2008).

Zilberberg (2006) teoriza que os pais movidos pela afetividade aos seus filhos (as), se reinventam sobre os discursos de valores sociais, morais e individuais. Desta forma, desenvolve-se a postura positiva e facilitadora no processo de aceitação homossexual de seus filhos (as), permitindo assim, que seus filhos (as), vivenciem o ser do seu sujeito já empoderado da aceitação incondicional.

Logo, todo e qualquer indivíduo tem direito a viver e expressar sua sexualidade, seja ela, hétero ou homo, fazendo-se necessário que estes diálogos sejam norteadores de saber, esclarecedores, para que famílias sejam envolvidas no contexto da sexualidade e encorajadas na aceitação de seus filho (as).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A referida pesquisa teve como objetivo geral identificar as possíveis atitudes facilitadoras e as contribuições para o processo de aceitação dos filhos pela família. Tal processo que se permeia sobre dúvidas e conflitos, mas que se fazem necessário percorrer por toda essa lógica de desconstrução e reconstrução de novos conhecimentos para que haja compreensão e reconquista ao vínculo afetivo e emocional.

Especificamente o estudo descreveu as atitudes que dificultam a autoaceitação, como também os aspectos positivos que se envolvem na revelação da orientação sexual, demonstrando as possibilidades e enfatizando os impactos na relação familiar a partir da aceitação incondicional e compreensão empática.

*A priori* elencaram-se dados de violência incitados aos homossexuais, seja ela pelo preconceito, ou pela homofobia. Estes números se mostraram crescentes e de grande preocupação para com esta classe. A incitação pela intolerância é estigmatizada adoecendo quem a sofre direta ou indiretamente. Percebe-se que mesmos os pais que não aceitam seus filhos (as) pela orientação sexual, também sofrem pelo preconceito velado.

Sofrem por terem que negar a si e aos outros o que está nítido e sofrem por verem o sofrimento dos filhos (as). Encarar algo que não foi idealizado e para muitos destes carregar as culturas familiares, torna-se mais difícil até mesmo ir ao acesso para esclarecer, compreender e sanar dúvidas, entender como se dá o processo para a aceitação do filho (a).

Quando essa barreira da invisibilidade é vencida, estes pais se encorajam, se fortalecem de modo enriquecedor e lutam para que seus filhos possam viver de modo mais suave e respeitoso sua sexualidade dentro do âmbito familiar, estendendo-se assim, para sociedade.

Percebe-se que familiares se envergonham pelo filho homossexual, não somente por este ser homossexual, mas por tudo que vem junto a revelação da homossexualidade dos filhos (as). As piadas pejorativas, as conclusões que todo homossexual vai se prostituir e/ou fazer uso de substâncias psicoativas.

No entanto, algumas famílias encontram capacidade e reestruturam os significados advindos diante das mudanças internas e externas junto aos filhos, não



permitindo que as normativas sociais se entrelacem ao que cada indivíduo foi capaz de ressignificar.

Logo, a família após passar por todo processo, na qual muitas vezes podem ter sido conturbadas, se reestrutura e se deixa experienciar novamente pelo amor incondicional aos filhos.

Quando estes pais conseguem a compreensão empática na relação com estes filhos, o apoio emocional e psicológico se torna evidente e leva a aceitação de forma congruente ao que se espera da família.

Entendem que não há culpados, e principalmente que não são culpados pela orientação sexual dos filhos voltada a homossexualidade. E o mais importante diante de todas as atitudes facilitadoras até aqui já informadas, é a de que não se tem condição para amar um filho (a).

Sentimento este que pode ser reformulado e reinventado, diante do presente em que se encontram pais e filhos (as). A probabilidade diante de várias modificações experienciais de interação com o mundo é que se tem o processo de adaptação saudável, favorecendo um equilíbrio psicológico para pais e filhos (as).

Filhos que se sentem apoiados e amados pelos pais tendem a sofrer menos com o preconceito lá fora. Aliado ao apoio tão necessário o adoecimento psicológico, também se fazem quase nulos.

A família é peça fundamental na criação de valores e crenças, portanto esta família faz parte deste processo no seio familiar. Aceitar que os filhos podem fazer suas escolhas e tomar próprias suas decisões não é uma tarefa fácil. Demanda que estes pais aceitem que seus filhos cresceram e podem fazer suas escolhas. Mas, o mais importante é que estes pais aceitem as decisões e escolhas dos filhos.

A aceitação e o respeito empático são identificados, na sociedade, onde as batalhas serão inúmeras. Para romper a barreira da invisibilidade com respeito e dignidade.

Esse apoio se torna essencial e evita-se graves problemas de saúde, como a depressão, o uso do álcool e outras drogas, como também em relação ao suicídio, refletindo-se assim, em números estatisticamente menores.

Estabelece-se uma estreita relação entre a aceitação de pais com filhos homossexuais no tocante ao desenvolvimento ajustado e saudável. Quando estes saem em defesa de seus filhos por algum ato preconceituoso sofrido, aceitando as

formas variadas de expressarem sua sexualidade, estes filhos são diretamente protegidos emocionalmente e psicologicamente.

Logo, percebe-se que quanto mais a família participa ativamente das escolhas de seus filhos, aceitando-o diante da sua orientação sexual, estes têm sua autoconfiança mais elevada e elaborada. Sentem-se mais seguros na vida social e realizados diante de qualquer outro fator externo que possa ocorrer.

De fato tornam-se importantes mais pesquisas neste contexto ao qual possa esclarecer e ajudar famílias a entenderem como se dá o processo da descoberta da sexualidade, entender que não se escolhe ser, se é, e a visibilidade dada pela família para este filho (a) homossexual, colabora para a autoaceitação.

Possibilita que este indivíduo possa vivenciar da forma mais saudável possível sua sexualidade e a descoberta do que é e se sente.

A psicologia enquanto ciência teoriza que as diferentes formas de amor devem ser respeitadas, sejam elas hétero ou homo. Traz a questão de que estas expressões não é um problema, pelo contrário é a forma ao qual sujeitos se expressam e se posicionam em suas vidas.

## REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, Maria Edna Silva de; LIMA, Edgley Duarte de; GALVÃO, Lilian Kelly de Sousa. Homossexualidade e a Psicologia: revisitando a produção científica nacional. **Revista Brasileira de Psicologia**, Salvador, v. 2, n. 1, p.132-147, 2014. Disponível em: <<http://revpsi.org/wp-content/uploads/2014/12/Alexandre-Lima-Galvão-2014-Homossexualidade-e-a-Psicologia-revisitando-a-produção-científica-nacional2.pdf>>. Acesso em: 11 abr. 2018.

ALMEIDA NETO, Luiz Mello de. UM OLHAR SOBRE A VIOLÊNCIA CONTRA HOMOSSEXUAIS NO BRASIL. **Gênero**, Niterói, v. 4, n. 1, p.33-46, 02 set. 2003. Disponível em: <<http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/236>>. Acesso em: 15 abr. 2018.

ASSOCIATION, American Psychological. **Report of the American Psychological Association Task Force on Appropriate Therapeutic Responses to Sexual Orientation**. Washington: Apa, 2009. Disponível em: <<https://www.apa.org/pi/lgbt/resources/therapeutic-response.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

BARROS, Ana Cláudia. A homofobia, por Luiz Mott. **Jornal GGN**. São Paulo, p. 22-23. 05 jan. 2013. Disponível em: <<https://jornalggn.com.br/blog/luisnassif/a-homofobia-por-luiz-mott>>. Acesso em: 30 mar. 2018.

BARBERO, Graciela Haydée. Homossexualidade e identidades diversas. O preconceito que as acompanha. **Pulsional: Revista de Psicanálise**, São Paulo, v. 7, p.27-36, jun. 2003. Disponível em: <[http://www.editoraescuta.com.br/pulsional/170\\_04.pdf](http://www.editoraescuta.com.br/pulsional/170_04.pdf)>. Acesso em: 10 jun. 2018.

BENTO, Luziane Mendes; MATÃO, Maria Eliane Liégio. **Homossexualidade Processo de Revelação da Sexualidade uma Experiência Homossexual**. **EVS - Estudos Vida e Saúde**, Goiânia, v. 39, n. 4, p. 507-521, jul. 2012. ISSN 1983-781X. Disponível em: <<http://seer.pucgoias.edu.br/index.php/estudos/article/view/2664>>. Acesso em: 11 mar. 2018. doi:<http://dx.doi.org/10.18224/est.v39i4.2664>.

BORGES, Roberta da Costa. **Pais e mães heterossexuais: relatos acerca da homossexualidade de filhos e filhas**. 2009. 253 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2009. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-20052009-135855/pt-br.php>>. Acesso em: 27 set. 2018.

BURGIERMAN, Denis Russo. Atração entre iguais. **Super Interessante**, São Paulo, p.166-168, 12 dez. 2006. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/ciencia/atracao-entre-iguais/>>. Acesso em: 11 mar. 2018.

BRITZMAN, Deborah P.. O que é esta coisa chamada amor. **Educação e Realidade**, Rio Grande do Sul, v. 21, n. 1, p.71-96, jun. 1996. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71644/40637>>. Acesso em: 04 maio 2018.

BRITO, Débora. Número de homicídios de pessoas LGBT pode ser recorde em 2016. **Agência Brasil**. Brasília, 29 dez. 2016. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2016-12/numero-de-homicidios-de-pessoas-lgbt-pode-ser-recorde-em-2016>>. Acesso em: 09 jun. 2018.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero Feminismo e subversão da Identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 236 p. Disponível em: <<https://cadernoselivros.files.wordpress.com/2017/04/butler-problemasdegenero-ocr.pdf>>. Acesso em: 09 set. 2018.

CAMPOS, Laís Sudré. **O BEM-ESTAR DE HOMOSSEXUAIS: ASSOCIAÇÕES COM O APOIO SOCIAL FAMILIAR, RESILIÊNCIA, VALORES E RELIGIOSIDADE**. 2015. 149 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015. Disponível em: <<http://repositorio.ufes.br/handle/10/3111?locale=en>>. Acesso em: 21 mar. 2018.

CARVALHO, Marcos Roberto Alves de; SILVEIRA, Jocelaine Martins da; DITTRICH, Alexandre. "HOMOSSEXUALIDADE" EM ARTIGOS DO JOURNAL OF APPLIED BEHAVIOR ANALYSIS: UMA REVISÃO CRÍTICA. **Revista Brasileira de Análise do Comportamento**, Paraná, v. 7, p.72-81, 2011. Disponível em: <<file:///C:/Users/cliente/Downloads/1451-6059-1-PB.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

CFP. RESOLUÇÃO CFP N° 001/99. **Conselho Federal de Psicologia**, Brasília, 22 mar. 1999. Disponível em: <<http://site.cfp.org.br/resolucoes/resolucao-n-1-1999/>>. Acesso em: 31 mar. 2018.

COCHEN, Kenneth M.; SAVIN-WILLIAMS, Ritch C.. "Saindo do armário" para si mesmo e para os outros: Etapas do processo. In: LEVOUNIS, Petros; DRESCHER, Jack; BARBER, Mary E.. **O livro de casos clínicos GLBT**. Porto Alegre: Artmed, 2014. p. 35-51.

CRITELLI, Dulce Mára. **Analítica do sentido: Uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2006. 79 p. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/305237810/Analitica-Do-Sentido>>. Acesso em: 27 set. 2018.

DEL-MASSO, Maria Candida Soares; COTTA, Maria Amélia de Castro; SANTOS, Marisa Aparecida Pereira. **Ética em Pesquisa Científica: Conceitos e Finalidades**, São Paulo, p.1-16, fev. 2002. Disponível em: <[https://acervodigital.unesp.br/bitstream/unesp/155306/1/unesp-nead\\_reei1\\_ei\\_d04\\_texto2.pdf](https://acervodigital.unesp.br/bitstream/unesp/155306/1/unesp-nead_reei1_ei_d04_texto2.pdf)>. Acesso em: 31 mar. 2018.

EL GÊBÊTÊ. **Sair do Armário? Assumir a tua homossexualidade ou bissexualidade.** Junho, 2003. Disponível em <http://ppamp.home.sapo.pt/Work.pdf>  
Acesso em 10/06/2018.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas S.a, 2010. 176 p. Disponível em:  
<[https://professores.faccat.br/moodle/pluginfile.php/13410/mod\\_resource/content/1/Como\\_elaborar\\_projeto\\_de\\_pesquisa\\_-\\_antonio\\_carlos\\_gil.pdf](https://professores.faccat.br/moodle/pluginfile.php/13410/mod_resource/content/1/Como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf)>. Acesso em: 31 mar. 2018.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência Emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente.** Rio de Janeiro: Objetiva, 1995. 420 p.

HAUER, Mariane; GUIMARAES, Rafael Siqueira de. Mães, filhos e homossexualidade: narrativas de aceitação. **Temas psicologia.** Ribeirão Preto, v. 23, n. 3, p. 649-662, set. 2015. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X2015000300010&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2015000300010&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 11 mar. 2018. <http://dx.doi.org/10.9788/TP2015.3-10>.

HEIDEGGER, Martin. **Todos nós...ninguém: Um enfoque fenomenológico do social.** São Paulo: Moraes, 1981. 72 p

JÚNIOR, Janary. Projeto permite que psicólogo ofereça tratamento para mudar orientação sexual. **Portal da Câmara dos Deputados.** Brasília, p. 22-22. 01 mar. 2017. Disponível em:  
<<http://www2.camara.leg.br/camaranoticias/noticias/DIREITOS-HUMANOS/523684-PROJETO-PERMITE-QUE-PSICOLOGO-OFERECA-TRATAMENTO-PARA-MUDAR-ORIENTACAO-SEXUAL.html>>. Acesso em: 21 mar. 2018.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. **Bagoas - Estudos Gays: Gêneros e Sexualidades**, Rio Grande do Norte, v. 1, n. 1, p.1-22, 2012.

KURASHIGE, Keith Diego; REIS, Aparecido Francisco dos. O PROCESSO DE AFIRMAÇÃO DA ORIENTAÇÃO SEXUAL E SUAS IMPLICAÇÕES NA VIDA FAMILIAR. **Interfaces da Educação**, Mato Grosso do Sul, v. 8, n. 24, p.93-102, maio 2017. Disponível em:  
<<https://periodicosonline.uems.br/index.php/interfaces/article/view/625/0>>. Acesso em: 11 jun. 2018.

LAURENTI, Ruy. Homossexualismo e a Classificação Internacional de Doenças. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 18, n. 5, p.344-345, 22 maio 2010. Disponível em: <[https://www.scielo.org/scielo.php?pid=S0034-89101984000500002&script=sci\\_arttext&tlng=>](https://www.scielo.org/scielo.php?pid=S0034-89101984000500002&script=sci_arttext&tlng=>)>. Acesso em: 25 mar. 2018.

LAURIANO, Carolina; DUARTE, Nathália. Censo 2010 contabiliza mais de 60 mil casais homossexuais. **G1.** São Paulo, 29 abr. 2011. Disponível em:

<<http://g1.globo.com/brasil/noticia/2011/04/censo-2010-contabiliza-mais-de-60-mil-casais-homossexuais.html>>. Acesso em: 30 mar. 2018.

LATAILLE, Yves de. **Moral e Ética Dimensões Intelectuais e Afetivas**. Porto Alegre: Artmed, 2006. Disponível em: <<http://br.librosintinta.in/moral-e-%C3%A9tica-dimens%C3%B5es-intelectuais-e-afetivas-yves-de-la-taille-pdf-2.html>>. Acesso em: 05 out. 2018.

LEVOUNIS, Petros; DRESCHER, Jack; BARBER, Mary E. **O LIVRO DE CASOS CLÍNICOS GLBT**. Porto Alegre: Artmed, 2014. 319 p.

MAXWELL, Pedro. A construção sócio-histórica da homossexualidade. **PUC - Rio**, Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: <[https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/25742/25742\\_2.PDF](https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/25742/25742_2.PDF)>. Acesso em: 03 maio 2018.

MEIRA, Renan Devitto; SANTANA, Luciana Teófilo. SEXUALIDADE NA PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES. **Trilhas Pedagógicas**, v. 4, n. 4, p.160-181, ago. 2014. Disponível em: <[http://www.fatece.edu.br/arquivos/arquivos\\_revistas/trilhas/volume4/11.pdf](http://www.fatece.edu.br/arquivos/arquivos_revistas/trilhas/volume4/11.pdf)>. Acesso em: 25 abr. 2018.

MESQUITA, Teresa Cristina Mendes de. **HOMOSSEXUALIDADE: CONSTITUIÇÃO OU CONSTRUÇÃO?** 2008. 80 f. TCC (Graduação) - Curso de Psicologia, Centro Universitário de Brasília - Uniceub, Brasília, 2008. Disponível em: <<http://www.repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/2604/2/20360148.pdf>>. Acesso em: 03 maio 2018.

MODESTO, Edith. **Mãe Sempre Sabe? Mitos e verdades sobre pais e seus filhos homossexuais**. Rio de Janeiro. Record, 2008. 333 p.

MODESTO, Edith. **Homossexualidade preconceito e intolerância: Análise Semiótica de Depoimentos**. 2010. 296 f. Tese (Doutorado), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-09022011-103046/en.php>>. Acesso em: 26 set. 2018.

NUNAN, Adriana; JABLONSKI, Bernardo; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. O preconceito sexual internalizado por homossexuais masculinos. **Interação em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p.255-262, 31 dez. 2010. Universidade Federal do Parana. <http://dx.doi.org/10.5380/psi.v14i2.12212>. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/psicologia/article/view/12212/13925>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

OLIVEIRA, Regis Fernandes de. **Homossexualidade: Uma visão mitológica, religiosa, filosófica e jurídica**. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2011.

POESCHL, Gabrielle; VENANCIO, Joana; COSTA, Daniel. Consequências da (não) revelação da homossexualidade e preconceito sexual: o ponto de vista das pessoas homossexuais. **Psicologia**, Lisboa, v. 26, n. 1, p. 33-53, 2012. Disponível em <[http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0874-20492012000100003&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-20492012000100003&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 11 mar. 2018.

PRADO, Marco Aurélio Máximo; MACHADO, Frederico Viana. **Preconceito Contra Homossexuais a hierarquia da invisibilidade**. São Paulo: Cortez, 2008. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=WIM6DwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT5&dq=homossexua+e+preconeito&ots=pvrZkfjC50&sig=qAfeJA-7BRBJNMFDLRY34t4dkOE#v=onepage&q=homossexua+e+preconeito&f=false>>. Acesso em: 02 abr. 2018.

PARKER, Richard; LOURO, Guacira Lopes. **Cultura, economia política e construção social da sexualidade: O CORPO EDUCADO PEDAGOGIAS DA SEXUALIDADE**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 127 p. Disponível em: <[file:///C:/Users/cliente/Downloads/LOUROGuacira-L.\\_O-corpo-educado-pedagogias-da-sexualidade.pdf](file:///C:/Users/cliente/Downloads/LOUROGuacira-L._O-corpo-educado-pedagogias-da-sexualidade.pdf)>. Acesso em: 03 maio 2018.

ROGERS, Carl. **Um jeito de ser**. São Paulo: Epu, 1987. 185 p.

SAMORANO, Carolina. Discriminação e hostilidade levam mais jovens gays ao suicídio. **Metrópoles**, Distrito Federal, 19 dez. 2017. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/brasil/direitos-humanos-br/discriminacao-e-hostilidade-levam-mais-jovens-gays-ao-suicidio>>. Acesso em: 18 mar. 2018.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 21. ed. São Paulo: Cortez, 2000. 310 p.

SENADO FEDERAL. Constituição (2011). Projeto nº 612, de 2011. . Brasília, Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2017/05/03/aprovado-na-ccj-projeto-que-legaliza-casamento-homossexual>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação**. 4. ed. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina - Ufsc, 2005. 139 p. Disponível em: <[https://projetos.inf.ufsc.br/arquivos/Metodologia\\_de\\_pesquisa\\_e\\_elaboracao\\_de\\_teses\\_e\\_dissertacoes\\_4ed.pdf](https://projetos.inf.ufsc.br/arquivos/Metodologia_de_pesquisa_e_elaboracao_de_teses_e_dissertacoes_4ed.pdf)>. Acesso em: 01 abr. 2018.

SILVA, Mônica Magrini de Lima et al. Família e Orientação Sexual: Dificuldades na Aceitação da Homossexualidade Masculina. **Temas em Psicologia**, Ribeirão Preto, v. 23, n. 3, p.677-692, set. 2015. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X2015000300012](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2015000300012)>. Acesso em: 15 abr. 2018.

SILVA, Ariana Kelly Leandra Silva da. DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO: A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO SOCIAL. **Revista do Nufen**, São Paulo, v. 5, n. 1, p.12-25, jul. 2013. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2175-25912013000100003](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912013000100003)>. Acesso em: 03 maio 2018.

TOLEDO, Livia Gonsalves. MÃE-SOGRA: SUA REPRESENTAÇÃO DO RELACIONAMENTO LÉSBICO. **Revista Ártemis**, São Paulo, v. 6, p.58-96, jun. 2007. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/view/2128>>. Acesso em: 03 maio 2018.

VALENTE, Jonas. Levantamento aponta recorde de mortes por homofobia no Brasil em 2017. **Agência Brasil**, Brasília, 18 jan. 2017. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2018-01/levantamento-aponta-recorde-de-mortes-por-homofobia-no-brasil-em>>. Acesso em: 18 mar. 2018.

VITIELLO, Nelson. **Sexualidade: quem educa o educador: um manual para jovens , pais e educadores**. São Paulo: Iglu, 1997. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/105309291/Sexualidade-Quem-Educa-o-Educador>>. Acesso em: 05 abr. 2018.

ZILBERBERG, Claude. **Razão e Póetica do Sentido**. São Paulo: Edusp, 2006. 288 p. Disponível em: <<https://www.skoob.com.br/livro/pdf/razao-e-poetica-do-sentido/87554/edicao:96702>>. Acesso em: 06 out. 2018.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista Estudos Feministas**, v. 9, n. 2, p.460-482, 2001. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2001000200008&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2001000200008&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 26 set. 2018.